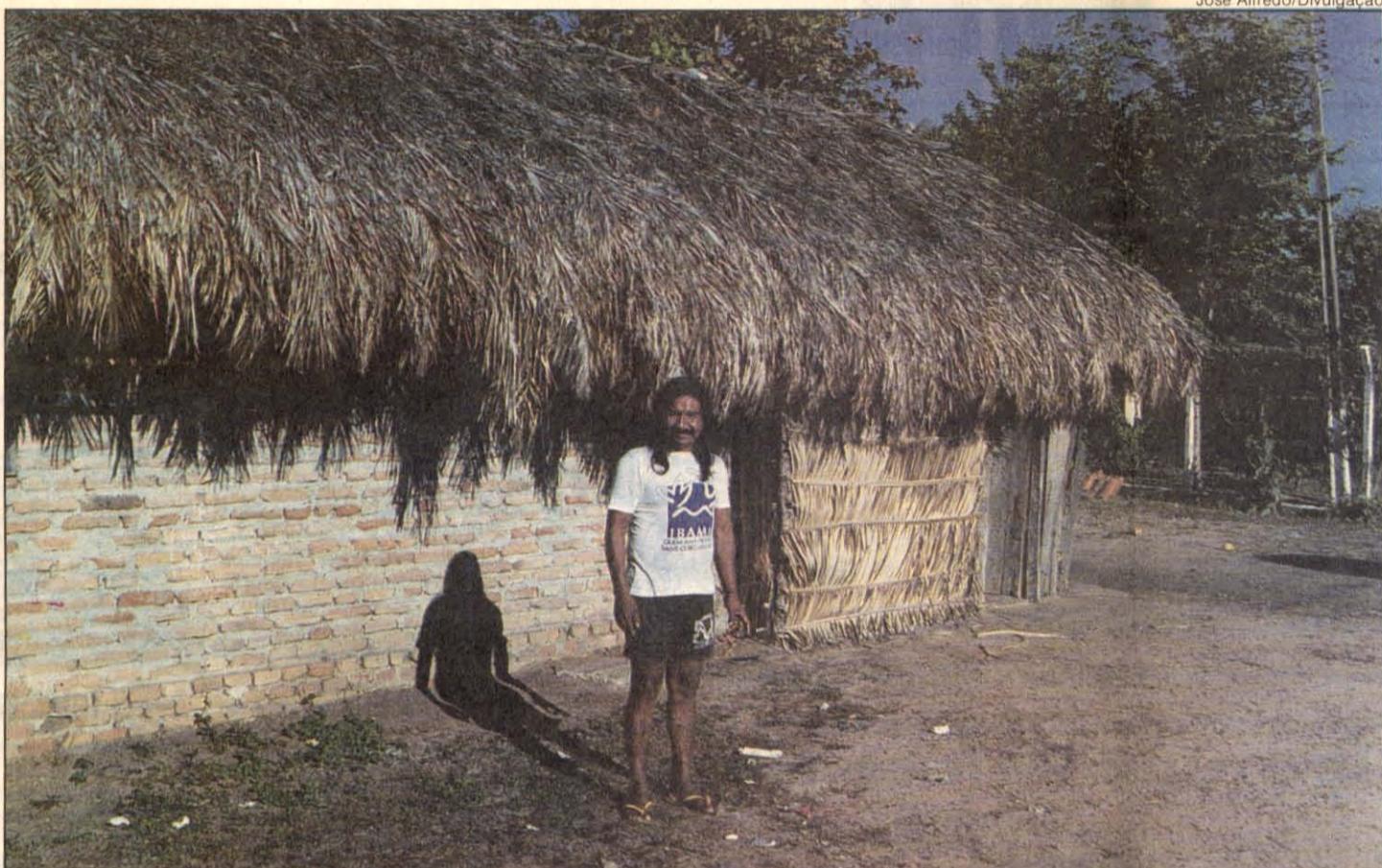


VIAGEM

José Alfredo/Divulgação

190

Centro de exposições: casa foi construída para evitar que os turistas invadam a privacidade dos 58 carajás que dividem uma aldeia de 12 mil metros quadrados



# Turista pode conhecer aldeia das famílias carajás de Aruanã

**Cacique garante que até 1981 a tribo era ameaçada de transferência pela Funai**

Os carajás ganharam em dezembro uma casa que funciona como uma espécie de centro cultural, resgatando parte de sua cultura e ainda fazendo as vezes de recepção, recinto de exposições e loja de artesanatos. A idéia é evitar que os turistas continuem invadindo a privacidade da tribo, que habita a margem do Araguaia junto a Aruanã, uma aldeia que hoje não passa de 12 mil metros quadrados. O cacique Raul Hauakati conta que lá vivem dez famílias, somando 58 pessoas. "Três famílias são puras, o resto já se misturou com o pessoal da cidade", explica Hauakati. A visita à pequena comunidade vale, mas que o turista não espere danças ruidosas ao redor da fogueira, bandos de guerreiros empunhando arcos ou mulheres atarefadas nas lidas da aldeia. "Muitos trabalham na cidade como ajudantes de pedreiro ou guias de turismo", conta o cacique. A cidade praticamente envolve a aldeia, cuja entrada fica a alguns passos da praça central de Aruanã.

**Transferência** — E por pouco, nem isso resta aos carajás. "Até 1981, a Funai dizia que a gente era invasor e queria nos tirar daqui", lembra Hauakati. A área só foi demarcada em 1986, com apoio da Universidade Católica de Goiás. "No passado, o Serviço de Proteção ao Índio vendeu muitas de nossas terras", diz. "Em 1982, a Funai queria vender nossa reserva aqui e nos mandar para a Ilha do Bananal, onde es-

tá a aldeia do Boto Velho", completa. A comunidade de Aruanã passou abaixo-assinado e não saiu de Aruanã. Mas chegou a ter apenas duas casas.

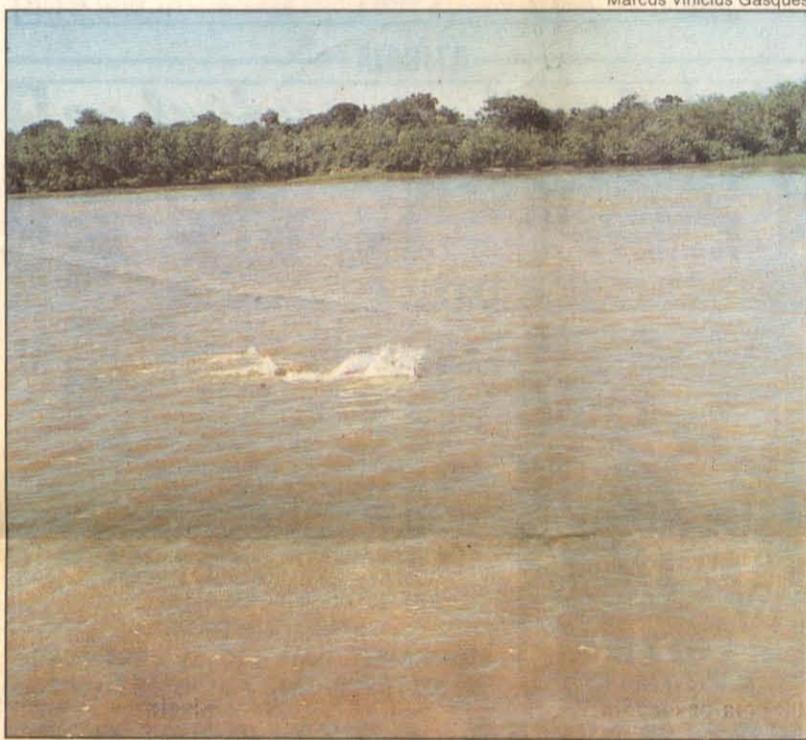
Hoje, 20 crianças estão aprendendo o idioma carajá na pequena escola da reserva. Para reaprender a arte de moldar a cerâmica, os índios de Aruanã terão de passar por um curso. As peças expostas na aldeia vêm da Ilha do Bananal. "Aqui, só mexemos com palha de buriti", conta Mariana, mulher de Hauakati, mostrando pulseiras, arcos, colares, chocalhos e pequenos recipientes pendurados no centro cultural, onde são vendidos por preços que variam de R\$ 1,00 a R\$ 10,00.

**Marca na face** — Nascido e criado em Aruanã, Raul Hauakati não ostenta círculos negros na face, marca dos carajás: "Eu não deixei porque é feito com caco de vidro e dói muito, dizem que fica um dia sem comer", confessa. O cacique

não lembra como se chamava seu avô, primeiro índio a morar em Aruanã, mas tem nítidas na memórias as histórias de conflitos com o branco dominador. "Minha avó, Maria Severiá, conta que não tinha ninguém por aqui, mas os livros dizem que tinha um presídio", explica o cacique. Um pouco da cultura sobrevive na reserva onde, no terreiro central, garotos jogam futebol nos finais de tarde. Os adultos cultivam uma pequena roça de milho e mandioca em vazante do lado mato-grossense do Araguaia. A pesca também contribui na alimentação. (M.V.G.)

■ Viagem feita a convite da companhia aérea Transbrasil e da Secretaria Municipal de Turismo de Goiânia

Marcus Vinicius Gasques



Araguaia: correnteza, piranhas e arraias no caminho do banhista

## Antes de entrar na água, conheça os perigos do rio

Muito calor, aquele mundo de água em movimento e praias de areias brancas convidam a boas brincadeiras no Rio Araguaia. Mas a natureza presente recomenda alguns cuidados. Os bancos de areia, por exemplo, terminam abruptamente, e quem não sabe nadar pode passar por apuros em meio à forte correnteza.

Conhecedores do Araguaia recomendam que, quem está com ferimento exposto, não entre na água: o machucado pode atrair piranhas, que de outra forma não atacam banhistas. Outro conselho é caminhar pelas águas rasas do Araguaia arrastando os pés pela areia ou lodo do leito, onde vários tipos de arraia gostam de

descansar. Dessa forma, esbarra-se no corpo e espanta-se o bicho, que chega a pesar 10 quilos e medir 30 centímetros. Se o banhista pisa nela, a ferroada é certa e insuportável. O ferrão tem de 10 a 15 centímetros de comprimento.

Mesmo nos recantos mais escondidos do rio, nadar nu é altamente desaconselhável. Não especialmente por recato, mas porque na variada fauna do Araguaia tem lugar o candiru, minúsculo peixe que tem por péssimo costume invadir orifícios naturais de outros animais. Isso inclui seres humanos, a quem se recomenda também não urinar nem defecar na água, o que atrai ainda mais o peixinho. (M.V.G.)